

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS  
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS-INGLÊS**

**JUSSELIR FATIMA CORREIA**

**A FIGURA FEMININA E O CASAMENTO EM *ORGULHO E PRECONCEITO*, DE  
JANE AUSTEN**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**PATO BRANCO - PR 2018**

JUSSELIR FATIMA CORREIA

**A FIGURA FEMININA E O CASAMENTO EM *ORGULHO E PRECONCEITO*, DE  
JANE AUSTEN**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado do Curso superior de Letras Português/Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Pato Branco como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mariese R. Stankiewicz

PATO BRANCO – PR

2018



Ministério da Educação  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Câmpus Pato Branco  
Departamento Acadêmico de Letras  
Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



## DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

### FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor (a): **JUSSELIR FÁTIMA CORREIA**

Título: **A figura feminina e o casamento em Orgulho e Preconceito (1813), de Jane Austen.**

Trabalho de conclusão de curso defendido e APROVADO em  
21 / 06 / 18, pela comissão julgadora:

\_\_\_\_\_  
**Prof.<sup>a</sup> Dra. Mariese Ribas Stankiewicz – UTFPR Pato Branco**  
Orientador(a) e Presidente da Banca

\_\_\_\_\_  
**Prof.<sup>a</sup> Dra. Camila Paula Camilotti – UTFPR Pato Branco**  
Parecerista e Membro da Banca Examinadora

\_\_\_\_\_  
**Prof.<sup>a</sup> Dra. Mirian Ruffini – UTFPR Pato Branco**  
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:

\_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier**  
Coordenador do Curso de Letras Português/Inglês

\_\_\_\_\_  
**Prof.<sup>a</sup> Ma. Rosângela Aparecida Marquezi**  
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso  
Portaria n.º 295 de 01/09/2015

**A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do curso.**

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às minhas filhas, que sempre me deram força, apoio e acreditaram nessa conquista. Mesmo nos momentos de fraqueza e desânimo estiveram ao meu lado para a realização deste sonho.

## **AGRADECIMENTOS**

Minha gratidão a Deus, por estar presente em minha vida, guiando-me, enchendo de luz meus pensamentos e dando-me forças até o fim dessa jornada.

Aos meus amados pais que me acompanharam nessa caminhada, onde encontrei força e coragem quando me senti insegura, com medo, mas aos seus conselhos e apoio pude acreditar que era capaz e segui em frente.

À minha professora, orientadora e amiga, Mariese Ribas Stankiewicz, que aceitou o desafio de estar me acompanhando nesse trabalho, mas principalmente pelas orientações sempre claras e objetivas, pela confiança que depositava em mim, e por sempre me receber muito bem com carisma e entusiasmo, minha eterna gratidão, fiz a escolha certa em ter você ao meu lado nessa árdua jornada de estudo e pesquisa.

Aos professores do curso de letras, pelos ensinamentos. À Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR pelos anos de acolhimento. Às professoras Camila P. Camilotti e Mirian Ruffini, por aceitarem compor a banca examinadora desse trabalho.

Agradeço aos meus colegas e amigos de classe, pela amizade, companheirismo, mesmo que em algumas vezes isso nos passou batido, devido a tantos trabalhos, apresentações, seminários, vida familiar enfim. Especialmente às minhas amigas Kélen Melo e Fabíola Dugloss, por estarem sempre presentes em minha vida acadêmica.

Por fim, minha gratidão a todos que uma forma ou outra ao longo desses anos contribuíram para minha formação, mesmo que em passagens breves.

## RESUMO

CORREIA, Jusselir Fatima. A figura feminina e o casamento em *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen. 2018. 38 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Letras / Português-Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2018.

O romance *Orgulho e Preconceito* (1813), da escritora inglesa Jane Austen, faz uma crítica à sociedade burguesa da Inglaterra do final do século XVIII e início do século XIX, demonstrando o papel da mulher submissa e resignada numa sociedade em que sua participação segue de acordo com os interesses, as restrições e os posicionamentos sociais patriarcais dentro de uma comunidade hierárquica, dividida em três classes sociais: a aristocracia, a burguesia e a classe trabalhadora, onde o casamento era uma instituição patriarcal de aprisionamento e roubo da identidade das mulheres envolta nas amarras da sociedade. Com isso, este Trabalho de conclusão de curso tem por objetivo analisar o romance *Orgulho e Preconceito*, no que diz respeito ao feminino representado naquela época e aos casamentos da obra, verificando as críticas da autora sobre este assunto. Os procedimentos metodológicos nortearam-se em uma busca bibliográfica em livros, artigos científicos, teses e dissertações que têm *Orgulho e Preconceito* como objeto de pesquisa e análise.

**Palavras-chave:** Literatura Inglesa. Casamento. Figura Feminina.

## ABSTRACT

CORREIA, Jusselir Fatima. The female figure and marriage in *Pride and Prejudice*, by Jane Austen. 2018. 38 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Letras / Português-Ingês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2018.

The novel *Pride and Prejudice* (1813), by English writer Jane Austen, criticizes the bourgeois society of England of the late eighteenth and early nineteenth century, depicting the role of the submissive and resigned woman in a society in which her participation follows according to patriarchal social interests, restrictions and positions within a hierarchical community, divided into three social classes: the aristocracy, the bourgeoisie, and the working class, where marriage was a patriarchal institution of imprisonment and theft of the identity of women wrapped in the moorings of society. In this sense, this Course Conclusion Paper has as an objective to analyze the novel *Pride and Prejudice*, concerning to the feminine represented in that time and the marriages in the novel, by verifying the author's critics towards this subject. The methodological procedures were based on a bibliographical research in books, scientific articles, theses, and dissertations, which have *Pride and Prejudice* as an object of research and analysis.

**Keywords:** English Literature. Marriage. Female Figure.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>2 A MULHER NA SOCIEDADE INGLESA DO SÉCULO XVIII E XIX E O</b>	
<b>CASAMENTO</b> .....	<b>15</b>
2.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE JANE AUSTEN .....	16
2.2 OS ESCRITOS DE JANE AUSTEN VOLTADOS À FIGURA FEMININA .....	17
<b>3 OS CASAMENTOS EM <i>ORGULHO E PRECONCEITO</i></b> .....	<b>25</b>
3.1 CHARLOTTE: PRESSÃO DO CASAMENTO E SUBMISSÃO .....	28
3.2 LYDIA: A CORRIDA INCONSEQUENTE PARA O CASAMENTO .....	29
3.3 ELIZABETH: O DILEMA ENTRE A AVERSÃO AO CASAMENTO E A POSSIBILIDADE DO AMOR .....	31
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>37</b>



## INTRODUÇÃO

Ao analisarmos o romance *Orgulho e Preconceito* (1813), da escritora inglesa Jane Austen (1775-1817), percebe-se sua crítica à sociedade burguesa da Inglaterra do final do século XVIII e início do século XIX, através dos comportamentos, costumes e valores morais ou imorais de sua contemporaneidade, que, de certa forma, ainda se encontram refletidos na sociedade ocidental. Imbuído pelo contexto do período pré-vitoriano, marcado por muitos avanços na sociedade inglesa, inclusive no desenvolvimento econômico e industrial, que faz com que a Inglaterra se torne um dos países mais ricos do mundo, este romance retrata a vida da mulher nessa sociedade do século XIX, ou seja, ele mostra uma representação do papel feminino por meio do desenvolvimento da família patriarcal, da importância do casamento, das limitações sociais, econômicas e políticas e do papel da mulher submissa e resignada, sempre envolta nas amarras da sociedade.

No que diz respeito à crítica à sociedade pré-vitoriana podemos verificar que *Orgulho e Preconceito* foi escrito em uma época em que a sociedade passava por várias transformações tanto na economia como na indústria, mas que não ocasionaram uma mudança positiva para todos, pois, com o desenvolvimento de perspectivas de vida melhor para os jovens, também vieram juntos as cargas diárias de trabalho excessivo nas indústrias e os salários baixos, o que ocasionou uma divisão de valores na sociedade: o proletariado e os burgueses. Dessa forma, o romance nos remete a este contexto onde se enfatiza de forma satírica, diversas vezes, o preconceito que se criou diante do poder aquisitivo do homem e da mulher na sociedade.

Em vista dessas características, este Trabalho de Conclusão de Curso mostra uma análise da representação da mulher pré-vitoriana seus interesses, restrições e posicionamentos dentro da sociedade inglesa pelo viés feminino estruturado por Austen em *Orgulho e Preconceito*. Dessa maneira, fez-se, primeiramente, um estudo contextual dos principais traços do papel feminino da época da escritora, procurando responder acerca do descontentamento da mulher naquela sociedade. Em vistas das ideias de Austen esboçadas em *Orgulho e Preconceito*, pode-se afirmar que a protagonista, Elizabeth Bennet, representa uma mulher independente que deseja

trilhar o caminho que ela própria escolheu, principalmente, no que diz respeito ao casamento, podendo representar, assim, os anseios das mulheres de uma parte da sociedade daquela época.

Esta declaração mostra a importância de ainda se estudarem as características das marcas da participação da mulher no passado e que não podem ser esquecidas, pois representam o desenvolvimento do que a mulher representa nos dias de hoje. Desta maneira, mesmo após duzentos anos terem se passado, os romances de Austen ainda são lidos e observados segundo os vieses da escrita feminina e da crítica feminista. A conquista do mercado literário pelas mulheres foi algo que, embora demorado e extenuante, conseguiu se estabelecer definitivamente no mundo ocidental. Nesse sentido, relermos textos literários de escritoras que expuseram a condição feminina no passado é imprescindível para não esquecermos nossa história de conquistas. Ao longo desta pesquisa, verificamos que muita coisa já foi falada sobre este assunto, mas ainda é imprescindível trazermos a história da mulher ao contato acadêmico, procurando salientar que, mesmo em sua época, Austen preocupava-se em escrever sobre isso, dentro de uma abordagem satírica, o que indica um ponto paradigmático de mudanças para as mulheres dentro daquela sociedade.

Nesse sentido, segundo Margaret Sullivan (2007), Austen demonstra que ao se casarem, a obrigações das mulheres ficavam restritas a planejar os cardápios, à decoração da casa, a ter boas relações com os empregados e a alfabetizar os filhos, sendo raro um casamento por amor, mas sim por interesses masculinos e financeiros. Além disto, Elizabeth Kollmann (2003) fala que por Austen vivenciar um tempo em que as mulheres não poderiam ser contra o sistema a que estavam inseridas, por meio desse livro, ela precisou fazer uma crítica secreta, na qual demonstrou a situação das mulheres no início do século XIX, quando o casamento era uma instituição essencialmente patriarcal de aprisionamento e roubava a identidade das mulheres.

De acordo com Sandra Gilbert e Susan Gubar, em *The Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination* (1979), Austen defendia a educação racional para as mulheres, descrevendo personagens com características, obstinadas, com mentes independentes e ousadas, dando à narrativa uma identidade feminina, enquanto utilizava a ironia para criticar a sociedade da época. Ainda assim, Gilbert e Gubar (1979, p.338), observam que o

casamento é um dos principais enfoques em *Orgulho e Preconceito*, justificando-se por ser a única forma de auto-denificação para as jovens daquela época. O casamento era o único meio para as mulheres entrarem na sociedade.

A figura feminina daquela época era regida por várias regras impostas geralmente pelos homens dentro da sociedade. As mulheres eram criadas para o casamento e eram delineadas como mulheres delicadas, belas e submissas, viviam praticamente domesticadas para o cuidado da casa e dos filhos. Sendo assim, as mulheres não podiam expressar vontade própria, até mesmo sobre o casamento, pois geralmente os maridos eram escolhidos pelos pais, os quais já recomendavam desde cedo para que elas tivessem dedicação no aprendizado de ler, escrever ou tocar piano, o que tornaria mais fácil a escolha de um parceiro que possuísse uma ótima posição social. A sociedade daquela época não permitia que as mulheres participassem da vida política e social. Elas foram assim criadas pelos homens e pela comunidade para serem sempre submissas.

Partindo deste pressuposto e observando em diversas obras a representação da figura feminina e da sociedade na era pré-vitoriana e também na vitoriana, acredita-se ser necessário explorar um pouco mais tais características. Além disto, vale a pena lembrar que seus romances foram muitas vezes adaptados, traduzidos e transformados em filmes que alcançaram, até os dias de hoje, um grande sucesso no que diz respeito à aceitação por parte do leitor e do público.

Dessa maneira, vemos em *Orgulho e Preconceito* uma escritora com um estilo marcante e uma das precursoras do feminismo em sua época. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é analisar a representação da mulher no romance *Orgulho e Preconceito*, estabelecendo um paralelo entre a protagonista Elizabeth Bennet e a mulher da época de Austen e levando em consideração pontos biográficos específicos, no que concerne à escritora; questões sobre o casamento e a família e por que eram importantes na sociedade pré-vitoriana; a escolha do título do romance e como ele representa algumas das características das pessoas daquela sociedade.

Partindo desse viés, houve um ponto importante para que esta pesquisa fosse realizada: o estudo do contexto histórico relativo ao período em que Austen viveu, que foi um período de muitas mudanças, especialmente na Europa que passava por algumas revoluções grandes e importantes para o contexto daquele período. Havia também a revolta das colônias americanas e a guerra entre a França e a Inglaterra

que durou mais de um ano e meio. Em meio a estes contrastes Austen relata um pouco do que se passava em seu tempo.

Com isso, para que o estudo fosse realizado, uma busca bibliográfica norteou-se em livros, artigos científicos, teses e dissertações dos vários críticos dos romances de Austen, assim como nas ideias de historiadores e críticos da sociedade pré-vitoriana e vitoriana, que não deixam de ter uma interconexão com descrições do mundo em que Austen vivia e desenvolvia a sua literatura.

Entre os principais, estão Bernard Paris, em *Character and Conflict in Jane Austen's Novels: A Psychological Approach* (1978) e Elizabeth Kollmann, em *Jane Austen Re-visited: A Feminist Evaluation of the Longevity and Relevance of the Austen Oeuvre* (2003). Além disto, para ajudar no desenvolvimento das ideias e temas relacionados, também foram imprescindíveis as leituras e a compreensão da obra de Austen, verificadas através de artigos críticos, tais como “As Primeiras Impressões são as que Ficam? Jane Austen Retorna ao Cinema” (2008), de Carla Alexandra Ferreira; e “Uma Leitura Política dos Casamentos no Romance *Orgulho e Preconceito* (1813) de Jane Austen” (2012), de Sandra Mônica do Nascimento.

Junto às análises do romance, a leitura de teorias que versam sobre os estudos femininos, como as das teóricas Susan Gubar, Sandra Gibert, Judith Butler, principalmente, as ideias de Simone de Beauvoir registradas nos dois volumes de *O Segundo Sexo* (1980) foram imprescindíveis para ajustar as análises do papel da mulher na sociedade britânica do início do século passado.

Em *O Segundo Sexo*, Beauvoir afirma que o seio da sociedade é o conjunto que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um outro, dessa forma desde que a mulher nasce já está predestinada a ser diferente, com todos os ornamentos que assim a caracterizam. À luz desta ideia, podemos observar que, em *Orgulho e Preconceito*, o “fazer-se mulher” é muito enfatizado o que vem a ser, ao mesmo tempo, uma representação do “ser” mulher e do “colocar-se” como mulher.

Austen é considerada como uma das escritoras mais importantes da Grã-Bretanha, ainda que tenha escrito poucas obras. Seus romances remetem o leitor a um tempo quando a sociedade em que ela viveu tinha muitas normas e costumes que diziam respeito a como as mulheres deveriam se portar ou a como uma mulher deveria “ser” para agradar a sociedade patriarcal. Por exemplo, se a mulher fosse

uma escritora, assim como Austen, não poderia ganhar dinheiro com sua obra era o seu pai ou o seu marido que seriam atribuídos com a função da administração do dinheiro. O homem tinha direito absoluto sobre a mulher e ainda mais após o casamento, uma vez que controlava as suas propriedades e, assim como as terras que possuía, a esposa e os filhos também eram parte de sua propriedade. Além disto, se a mulher quisesse sair de casa, primeiro teria que pedir ao pai ou ao marido e não deveria ir desacompanhada, pois era sempre considerada uma criança.

Existem inúmeros relatos de submissão e obediência da mulher naquele contexto. Austen nos mostra em seus romances personagens geralmente submissas, o que torna mais notável esta discrepância que havia na sociedade para a figura feminina desta época. Não era simples o que a mulher tinha que fazer.

Em *Orgulho e Preconceito*, encontra-se a história de dois jovens que pertencem às classes sociais diferentes, mas que igualmente sentem orgulho e preconceito. Quando os dois se conhecem não conseguem, de imediato, chegar a um entendimento um do outro, uma vez que o enredo mostra ao leitor uma oscilação entre os dois sentimentos. Assim, é evidente que há uma outra característica muito importante, a falha de comunicação entre os dois personagens. Em suma, ao procurar mostrar o amor e os relacionamentos em sua sociedade, Austen critica os costumes através de uma narrativa muito bem escrita, elegante e, também, severamente irônica, uma vez que ao se referir aos costumes de sua época, a escritora fala da sociedade e de suas afetações, seus costumes verificados em diferentes classes sociais e, principalmente, nas relações amorosas, nos casamentos e no comportamento feminino.

Em um texto cômico, poderíamos observar a transformação de uma sociedade em outra, ou seja, a rigidez social controlada geralmente pelas tradições e costumes, modifica-se para dar espaço à liberdade de expressão e à honestidade, que são controladas pela honra. Neste sentido, a comédia que existe em *Orgulho e Preconceito* seria política e a sociedade deveria dar maior espaço para os enamorados realmente se amarem. Paris (1978, p. 13) afirma:

Jane Austen é uma grande artista cômica, uma séria intérprete da vida e uma brilhante criadora de caracterizações miméticas. Alguns críticos sentem

que ela alcança, melhor talvez que qualquer outro romancista, um equilíbrio entre estes vários componentes de sua arte.<sup>1</sup>

Precedendo a era vitoriana, que ocorreu entre 1837 a 1901, a Inglaterra de Austen se desenvolveu para fazer com que a sociedade fosse palco de grandes transformações tanto no âmbito da política, como do desenvolvimento feminino e da sociedade como um todo. Junto com estas mudanças surgiram também a independência de muitos jovens e a necessidade de Austen retratar estas mudanças a partir das mulheres da família Bennet.

Austen descreve, através do comportamento de suas personagens, uma época onde quase não havia a participação da mulher em eventos solidamente importantes da sociedade, ou seja, a mulher não tinha voz efetiva para participar de ocasiões políticas, para definir arranjos financeiros envolvendo compra e venda de propriedades, por exemplo, e organizar eventos públicos, entre outras situações. Ela era educada primordialmente para o casamento e para servir a sua família e, por diversas vezes, em seus romances, as mulheres são lembradas sob alguma destas perspectivas, tomando como exemplo, sua educação às artes (como saber tocar piano, principalmente), ou à leitura e à dança de salão.

Neste contexto ainda a autora deixa claro no romance que, se a mulher tivesse muito tempo de noivado ou um noivado com pouca duração, já não era bem vista. Então Jane nos revela que a personagem Elizabeth Bennett já era considerada um peso para família, pois era uma das filhas mais velhas e ainda não se casara. Tudo isso nos sugere que Austen tinha uma visão aguçada ao seu tempo, olhando por um viés que muitas outras mulheres não tinham. Isso faz com que os leitores vejam através dos costumes daquela época, a sátira escrita por ela. De certa forma para tocar em uma sociedade e uma hierarquia com a qual a autora não concordava, talvez, pelo simples fato de nossa autora não ter se casado. Neste ponto, existe uma questão que considera uma expressão da liberação feminina. Através dos romances de Austen é possível ver o universo feminino de um modo já mais visto anteriormente e deste podemos verificar características, costumes e hábitos de uma época.

---

<sup>1</sup> "Jane Austen is a great comic artist, a serious interpreter of life, and a creator of brilliant mimetic characterizations. Some critics feel that she achieves, better perhaps than any other novelist, a balance between these various components of her art." (PARIS, 1978, p. 13).

Desta maneira, este trabalho se organizou em dois capítulos, no primeiro, tratamos de assuntos relacionados à representação da mulher dentro de seu contexto histórico, que abrange o final do século XVIII e começo do século XIX, abordando temas que irão esclarecer e situar o leitor perante o papel desenvolvido pela mulher na sociedade, sua postura diante do casamento, da igreja e como os conceitos da sociedade patriarcal modificaram-se em relação aos dias atuais. No segundo capítulo abordamos a análise propriamente dita das três versões diferentes de casamentos expressas em *Orgulho e Preconceito*.

## 2 A MULHER NA SOCIEDADE INGLESA DO SÉCULO XVIII E XIX E O CASAMENTO

No que concerne ao mundo literário, os romances do Romantismo recaem em quatro categorias principais: os romances góticos, altamente simbólicos, que descrevem uma atmosfera sombria e misteriosa em paralelo com os sentimentos do ser humano, como em *Os Mistérios de Udolpho* (1794), de Anne Radcliffe; os romances de propósitos (*novel of purpose*), que ativam poderosas críticas ao desenvolvimento social, como em *Caleb Williams* (1794), de William Godwin; os romances históricos popularizados por Sir Walter Scott; e os romances de costumes, que dizem respeito, obviamente, aos costumes de uma classe social específica, desenvolvidos com notória maestria por Jane Austen.

Essa escritora é, certamente, considerada uma das melhores (entre escritores e escritoras) do período. Ela transcende esse gênero do romance de costumes, com sua espiritualidade gentil e, ao mesmo tempo, satírica, demonstrando total clareza em seus *insights* em relação à natureza humana, por meio de seu estilo lúcido e equilibrado. Em *Razão e Sensibilidade* (1811), Austen satiriza os aspectos sentimentais do amor, tradicionalmente atribuídos à mulher, ao construir sua personagem Marianne, sua heroína emocional. Emma, de seu romance publicado em 1815, é uma das mais profundas personagens da escritora, ainda que não seja encantadora para muitos, enquanto Catherine é uma de suas personagens mais inteligentes, em *A Abadia de Northanger* (1818), uma comédia satírica com grande teor de reflexão sobre o ser humano.

Um dos principais temas em *Orgulho e Preconceito* seria o da tradicional necessidade implacável que as famílias britânicas tinham de casar bem suas filhas, conduzindo-as a uma situação familiar que claramente perpetuaria a tradição. O centro satírico se concentra na sra. Bennet<sup>2</sup>, que comicamente demonstra sua inquieta necessidade de casar suas cinco filhas: Jane, Elizabeth, Mary, Catherine e Lydia. No entanto, ativadas pela persistência de sua mãe, Elizabeth é a única que se mostra contrariada com as questões de casamento, repelindo-o energicamente de sua vida.

---

<sup>2</sup> Optou-se utilizar o título abreviado de “Senhor” (Sr.), “Senhora” (Sra.) e “Senhorita” (Srta.), com iniciais minúsculas, para acompanhar a forma utilizada pelo tradutor do romance.



Dessa forma, este capítulo mostra um paralelo entre o contexto histórico do período pré-vitoriano e o enredo de *Orgulho e Preconceito*, procurando demonstrar que a construção da mulher ao lado da reflexão crítica de Austen, que sutilmente procura mostrar que a mulher podia, então, desenvolver um sentimento libertário em relação às amarras da sociedade.

## 2.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE JANE AUSTEN

Austen estava em meio a outras escritoras que, no início do século XIX, já começavam a se inserir no meio literário, tais como Priscila Wakefield (1751-1832), Elizabeth Hamilton (1756-1816), Jane West (1758-1852), Clara Reeve (1729-1807) e Maria Edgeworth (1768-1849), entre outras (SULLOWAY, 1989). Em *Orgulho e Preconceito*, o leitor já pode notar a descrição de uma sociedade com um olhar feminino à frente de seu tempo por meio da personagem de Elizabeth. Por esta razão, muitos críticos dizem que Austen foi uma das primeiras feministas da história da literatura inglesa. Sendo assim, ela demonstra de uma forma suave algumas críticas da sociedade daquela época, sempre enfatizando o papel da mulher.

Austen nasceu em 16 de dezembro de 1775, em Steventon. Era filha de George Austen e Cassandra, junto com outros sete irmãos e já na adolescência mostrava seus talentos como escritora. Em 1797 Austen já havia escrito dois romances, que seu pai tentou ajudá-la a publicar. Contudo, foram recusados para publicação e, somente mais tarde foram reconhecidos e considerados ícones da literatura inglesa. Em 1801 a família mudou-se para Bath onde quatro anos depois faleceria seu pai. Há muitos motivos pelos quais a obra de Jane Austen é bem conhecida no mundo literário como seu valor cultural e seu grande apreço no que tange às críticas de uma sociedade, que muitos tinham receio de criticar e que a autora o fez de forma sublime. Seus romances já foram adaptados e recriados por diversas vezes em filmes, novelas, peças de teatro e perpetuam até os dias atuais. Independentemente do decorrer da história, ainda hoje causa fascínio nos amantes da literatura.

Segundo Silva (2005, p. 213):

Austen sempre foi um problema para os críticos que gostam de enquadrar escritores em determinados estilos de época, foi uma escritora à frente de seu tempo mesmo com todas as amarras que a sociedade daquela época possuía, assim sempre foi alvo por parte dos críticos.

Jane Austen tinha diversos escritos em sua casa que, depois de morta, a família queimou, somente restando algumas obras manuscritas que sua irmã guardou.

Poucas pessoas chegaram a conhecer suas obras antes de sua morte, somente depois que a autora faleceu é que a maior parte de seus romances foi reconhecida.

Até então, a produção de literatura não era considerada uma tarefa feminina e, por isso, durante muitos séculos, as mulheres foram excluídas dos processos de criação de identidades, sendo bastante restrito o seu acesso aos mecanismos de representação. Sem o direito à educação formal e, conseqüentemente, ao privilégio da escrita e ao poder que a acompanha, sua identidade foi tradicionalmente construída a partir da perspectiva masculina, isto é, a partir do local de poder. “Na época de Austen, a imagem da mulher era criada e mantida por homens”. (FIGUEREDO apud 2015 KOLLMANN 2003, p. 122).

Sendo assim Austen nos faz refletir quanto a sua dificuldade para escrever neste período onde o privilégio das mulheres poderem escrever era quase impossível, mesmo assim ela o fez com muita sutileza.

## 2.2 OS ESCRITOS DE JANE AUSTEN VOLTADOS À FIGURA FEMININA

Devido às grandes limitações na sociedade da época, a mulher desenvolveu com maestria seu domínio do lar, da administração material da família e da educação direta de seus filhos. Por esta razão, um dos pontos centrais de discussão neste trabalho será o da crítica que Austen faz do casamento. Em *Orgulho e Preconceito*, Austen retrata os diversos tipos de casamentos, os bens sucedidos no que diz respeito à estabilidade financeira da família, o casamento que levava a mulher à infelicidade e os casamentos por amor, muito incomuns na época, uma vez que a mulher não tinha o direito de escolher com quem se casaria, pois, vale ressaltar novamente naquela sociedade patriarcal, quem fazia a escolha era o pai.

A representação da mulher na sociedade e a sua participação segue de acordo com os interesses, as restrições e os posicionamentos sociais patriarcais dentro de uma comunidade hierárquica, dividida em três classes sociais: a aristocracia, a burguesia e a classe trabalhadora. O patriarcalismo, por sua vez, mantém o poder nas mãos dos homens, segundo Beauvoir (1980, p. 171) “os casamentos combinados não desapareceram: há toda uma burguesia bem pensante que os perpetua”. Nesse caso, o patriarca é sempre a figura masculina central dos núcleos familiares da época, Mirian Ruffini (2015, p. 46) também ressalta que:

Os casamentos eram realizados por motivos econômicos e a população não mostrava escrúpulos em admitir esse fato. Havia uma divisão entre as pessoas que precisavam trabalhar para viver e aquelas que viviam dos lucros de suas propriedades e investimentos.

A burguesia por sua vez, aparecia nas obras de Austen, focadas sempre nos grandes bailes e jantares dados as classes mais favorecidas da sociedade, ou seja, aqueles que as famílias possuíam bens, ou então se arranjavam casamentos nos quais o pretendente possuía.

Já a classe trabalhadora era pouco reconhecida, o que percebemos em *Orgulho e Preconceito* é que a família Bennet não era bem vista na sociedade, pois além do fato de terem uma singela propriedade a família era constituída somente por mulheres, o que ocasionaria em um futuro pouco promissor, sabendo que se nenhuma delas se casasse a propriedade teria de ser herdada por um parente próximo e que fosse do sexo masculino. Nesse sentido ainda a obra demonstra a angústia da mãe em casar as filhas para não perder a pequena propriedade.

Tais casamentos eram determinados pelos chefes das famílias. Em grande parte dos casamentos arranjados, estes eram realizados entre os próprios familiares com o intuito de manter as propriedades sob administração do patriarca. Esse fator é demonstrado através do viés crítico que Austen traz ao enredo de *Orgulho e Preconceito*. Percebemos também, muitos dos principais traços do papel feminino desempenhados pela mulher da época e que foram representadas pelas personagens criadas pela autora.

Podemos ver logo no começo da obra a visão que se tinha da mulher desde cedo no trecho seguinte:

-Nenhuma delas tem muita coisa que as recomende replicou ele, são todas tolas e ignorantes, como as meninas sempre são; mas Lizzy é um pouco mais esperta do que as irmãs. (AUSTEN, 2015, p. 238).

Entretanto, Austen, de forma particular, subverte esse papel por meio das falas e atitudes da personagem principal a srta. Elizabeth Bennet. Da mesma maneira, verificam-se diversos pressupostos sobre o comportamento dessa mulher nessa sociedade. Segundo Judith Butler (2003, p. 20):

A presunção política de ter e de haver uma base universal para o feminismo, a ser encontrada numa identidade supostamente existente em diferentes culturas, acompanha frequentemente a ideia de que a opressão das mulheres possui uma forma singular, discernível na estrutura universal ou hegemônica da dominação patriarcal ou masculina. A noção de um patriarcado universal tem sido amplamente criticada em anos recentes, por seu fracasso em explicar os mecanismos da opressão de gênero nos contextos culturais concretos em que já existe (BUTLER, 2003, p.20)

Neste romance de Austen, o homem é representado como dominante, tendo ao seu dispor o mundo da política e dos negócios, gozando de total liberdade. O que coube à mulher pré-vitoriana, resume-se a uma vida de pouca instrução e pura clausura doméstica entre bordados e os cuidados com os filhos e com a igreja.

No início do século XIX, houve um grande desenvolvimento industrial que marcaria a sociedade inglesa e o mundo todo diante os aspectos econômicos e sociais, cujos reflexos são evidentes até os dias atuais, especialmente no que se refere ao papel da mulher. Essa fase contribuiu da mesma forma, para o progresso, para o crescimento do comércio e para início da mudança no comportamento das mulheres.

Por vezes, a mulher se submete com uma complacência masoquista; assume um papel de vítima e sua resignação não passa de uma censura silenciosa; mas muitas vezes, também ela luta abertamente contra seu senhor, e por seu turno esforça-se por tiranizá-lo (BEAUVOIR, 1980b, p. 223).

Podemos acrescentar ainda, que essa mudança se consolidou para grande maioria das mulheres, muito embora, muitas outras ainda sofram com imposições sociais diversas que tiveram origem nos primórdios de toda história. Esses reflexos perduram em nossa contemporaneidade, em que se observa, por exemplo, a questão dos baixos salários oferecidos pela iniciativa privada em relação aos salários dos homens, ou ainda determinada pelas amarras sociais impostas pelo casamento.

Durante a Revolução Industrial, houve grandes mudanças também no Núcleo da família patriarcal: “[é] nesse período de redefinições de papéis sociais e da confirmação de um legado de ideias que remonta ao Iluminismo que seus romances são escritos.” (FERREIRA, 2008, p.57). As guerras napoleônicas foram outro fator que influenciou as mudanças ao longo do século XIX. Com isso, houve um crescente fortalecimento do império britânico, a exemplo dos muitos investimentos em armamentos e desenvolvimento tecnológico direcionados para o enfrentamento nas batalhas que visam manter o poder em mãos inglesas.

Ainda, no que concerne ao papel da mulher no romance, os traços realísticos descrevem as características sociais burguesas do início do século XIX. Sendo assim, podemos dizer que *Orgulho e Preconceito* é uma fonte para a apreciação de descrições, nas quais encontramos um espelhamento do modo de vida social praticado, desvelando não só os costumes e hábitos daquela sociedade, como também, o tolhimento e a submissão feminina nela imersos. Nas palavras de Simone de Beauvoir (1980b, p. 169):

Ela toma-lhe o nome, associa-se a seu culto, integra-se em sua classe, em seu meio; pertence à família dele, fica sendo sua metade. Segue para onde o trabalho dele a chama; é essencialmente de acordo com o lugar que ele trabalha que se fixa o domicílio conjugal; mais ou menos brutalmente ela rompe com o passado, é anexada ao universo do esposo, dá-lhe sua pessoa, deve-lhe a virgindade e uma fidelidade rigorosa. E perde uma parte dos direitos que o código reconhece a celibatária.

Juntamente com este contexto de clausura, ainda existia o fator de que a igreja era muito influente sobre as decisões da vida das mulheres. O casamento se realizava pela imposição da família, orquestrado pela figura do pai e a igreja tinha papel fundamental nessa construção social que, por vezes, alimentava o estigma negativo, gerado nesse período, de que era quase impossível uma mulher viúva ou solteira recusar-se ao casamento pois:

[...]esta sociedade, especialmente a escolha do casamento para as mulheres era uma questão crucial, porque o homem era visto como um detentor do poder. Assim, a mulher seria totalmente dependente dele, a sociedade era vista como patriarcal. A unidade familiar foi considerada através de uma vida moral, religiosa e econômica; e foram governados pelos *paterfamilias*, em que a autoridade era o pai. (NASCIMENTO,2012, p. 3).

Além da temática do casamento por ajuste ou negociação entre as famílias patriarcais do início do século XIX na Inglaterra, outro tema bastante recorrente é a

divisão de classes nos textos de Austen. Essas duas temáticas são bastante recorrentes em seus romances e se interligam de algumas formas; por exemplo, a questão do casamento era um grande problema para as mulheres há duzentos anos. Era imprescindível que se casassem por uma questão de sobrevivência. Para as mulheres era negado o direito a bens materiais e renegado o direito a ter voz com peso social. Sendo assim, o casamento é uma maneira das mulheres obterem uma posição social, porém, limitada.

Já para as mulheres que não conseguiam se casar por falta de dote, tornavam-se economicamente um peso para suas famílias. Essa temática do casamento se liga ao tema da divisão de classes em *Orgulho e Preconceito*, quando Elizabeth, conhece o aristocrata Sr. Darcy. Nesse momento, ela faz um pré-julgamento de seu caráter, considerando-o um homem orgulhoso e arrogante. Ademais, Elizabeth considera que isso possui grande valor de verdade, já que ele é muito rico e deve desprezar as pessoas de classe inferior a dele. Ao longo do enredo, essa visão em relação ao Sr. Darcy se modifica e Elizabeth descobre que está apaixonada por ele.

No romance, essa separação de classes aparece bastante distinta por meio de descrições dos espaços, nos quais a autora retrata as propriedades de forma sutil, porém, revelando as condições de cada classe. Segundo Salvatore D'Onofrio (2007, p. 83).

[...] espaço da ficção constitui o cenário da obra, onde as personagens vivem seus atos e sentimentos. As descrições das cidades, ruas, casas, móveis, etc. funcionam como pano de fundo aos acontecimentos, constituindo índices da condição social da personagem (rica ou pobre, nobre ou plebeia) e de seu estado de espírito (ambiente fechado – angústia; paisagens abertas – sensação de liberdade).

Em um primeiro exemplo, o espaço Longburn é descrito com simplicidade, revelando a limitação financeira dos Bennets. Conseguimos perceber isso no excerto abaixo:

Consistiam os bens do Sr. Bennet quase inteiramente numa propriedade de duas mil libras de rendimento por ano, que, para desgraças das filhas, estava vinculada, na falta de herdeiro varão, a um parente distante; e os bens da mãe, embora consideráveis para sua condição, mal podiam suprir as deficiências dos dele. O pai dela fora advogado em Meryton e lhe legara quatro mil libras. (AUSTEN, 2015, p. 252).

Por outro lado, Pemberley é descrito como uma grande e luxuosa propriedade e Austen associa descrições que se relacionam com a personalidade dos seus proprietários, imprimindo um caráter orgulhoso e esnobe:

Vejo a governanta; uma mulher já de idade, de aspecto respeitável, muito menos bonita e mais amável do que ela esperasse que fosse. Eles a seguiram até o salão de jantar. Era uma sala ampla, de belas proporções, magnificamente decorada. Elizabeth, depois de examiná-la por alto, foi até uma janela para apreciar a vista. A colina coroada de bosques que eles haviam descido, parecendo mais íngreme com a distância, era soberba. Todos os arranjos do jardim eram belos; e ela considerou maravilhada o cenário inteiro, o rio, as árvores espalhadas pelas suas margens e o serpentear do vale, até se perder de vista. Ao passarem para outras salas, tudo aquilo assumia diferentes posições; mas de cada janela havia belezas para serem admiradas. As dependências eram majestosas e belas, e o mobiliário, adequado a riqueza do proprietário [...]. (AUSTEN, 2015, p. 381).

Com vista a essas descrições espaciais, a autora situa o seu leitor em relação às diferenças existentes entre as classes sociais. Assim, seria improvável, no contexto vitoriano, a união entre o Sr. Darcy e Elizabeth. No entanto, a visão romantizada da união matrimonial por Austen é efetivamente experimentada por Elizabeth em um cenário social no qual isso dificilmente aconteceria.

Esse espelhamento social representado em *Orgulho e Preconceito* reflete não só os hábitos burgueses, como também revela sutilmente uma possível postura “machista” quanto à emancipação feminina que se principia nesse período, já que a autora trata do tema da emancipação feminina de forma profunda. Esse fato se justifica em um dos diálogos entre Wickham e Elizabeth, quando ela declara: “Ah! Não... não serei eu a partir por causa de senhor Darcy. Se ele não me quiser ver, ele que se retire. ” (AUSTEN, 2015, p. 283). Assim, podemos verificar uma desconstrução do estereótipo da moça recatada e educada para o casamento. Elizabeth, com esse comentário, afasta-se de seu pretendente, o que sugere um afastamento da ideia de casamento. Esse fator abre espaço para a discussão das intenções femininas em conquistar maior respeito e maior liberdade, nessa sociedade patriarcal.

Em sua essência, a teoria feminista tem presumido que existe uma identidade definida, compreendida pela categoria de mulheres, que não só deflagra os interesses e objetivos feministas no interior de seu próprio discurso, mas constitui o sujeito mesmo em nome de quem a representação política é almejada. (BUTLER, 2003, p.17).

Em entrevista ao programa literatura fundamental, veiculado pelo Youtube, com associação ao Estúdio Univesp, a repórter ressalta que alguns leitores e estudiosos da obra de Austen, poderiam conceituar *Orgulho e preconceito* como sendo romântica ou convencional demais, distanciando-se da realidade vivida no período. Em resposta, a estudiosa entrevistada, Mariana Teixeira Marques, professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, na Universidade de São Paulo, defende que a visão romantizada do casamento oferecida por Austen, requer uma compreensiva reflexão diante do fato de que as mulheres sempre consideraram a união matrimonial algo primordial em suas vidas, e que o sonho da eterna Cinderela ainda permanece no imaginário feminino (MARQUES, 2012). Marques ressalta que o texto é muito bem construído e os diversos temas tratados pela autora são relevantes ainda hoje. Por isso, a obra de Austen tornou-se canônica no contexto inglês e posteriormente no contexto brasileiro.

Dessa forma, cabe ressaltar que a organização social aristocrática do período pré-vitoriano não aceitava a união entre pares de condições financeiras discrepantes, nos círculos mais famosos ligados à coroa inglesa:

O casamento sempre se apresentou de maneira radicalmente diferente para o homem e para a mulher. Ambos os sexos são necessários um ao outro, mas essa necessidade nunca engendrou nenhuma reciprocidade; nunca as mulheres constituíram uma casta estabelecendo permutas e contratos em pé de igualdade com a casta masculina. Socialmente, o homem é um indivíduo autônomo e completo; ele é encarado antes de tudo como produtor e sua existência justifica-se pelo trabalho que fornece a coletividade (BEAUVOIR, 1980b, p. 166).

Apesar disso, essa foi uma época precursora de grandes mudanças no perfil feminino. Nesse momento histórico, o feminismo ainda não havia se constituído efetivamente e as discussões de gênero eram insipientes no início do século XIX. Assim, o termo “machismo” é empregado aqui, com a consciência de que o mesmo passou a existir somente no século XX, quando a mulher passou a ter maior instrução e buscou um espaço nas decisões do mundo privado masculino efetivando uma busca por emancipação. Porém, cabe ressaltar, que o estilo aristocrático patriarcal se consolida nessa sociedade de época e definitivamente impossibilita a mulher de ter respeitada a sua vontade. No texto, a autora descreve a mulher de



uma forma sutil e aponta que as mulheres exercem um grande papel para formação da sociedade.

### 3 OS CASAMENTOS EM *ORGULHO E PRECONCEITO*

O enredo mostra o cotidiano da família Bennet, especialmente das filhas do Senhor e da Senhora Bennet, as quais levavam uma vida tranquila até a chegada de um jovem moço chamado senhor. Bingley. Esse encontro mudaria a vida daquelas moças em vários sentidos. Este capítulo mostra uma análise de *Orgulho e Preconceito*, no que diz respeito especificamente ao casamento e como a ideia do enlace perfeito é subvertida por Austen, tendo como foco principal três dos casamentos do romance: o de Charlotte, o de Lydia e o de Elizabeth.

A autora revela em sua trama o cotidiano social, representado pelos muitos bailes e festas que eram organizados, principalmente, para que as moças da sociedade pudessem ser apresentadas para a sociedade, na tentativa de consolidar um bom noivado, ou seja, um casamento proveitoso, com um homem de posses e era somente desta forma que se permitia à mulher conhecer alguém do sexo oposto.

O jovem e rico Sr. Bingley é descrito por Austen como alguém de “[...] boa aparência e modos de cavalheiro; feições agradáveis e maneiras simples, sem nenhuma afetação” (AUSTEN, 2015, p. 241), que fixa residência próxima à casa dos Bennet. Com a sua chegada, a família se extasia, enquanto a sra. Bennet fala:

Ora, meu querido, como você sabe, a Sra. Long diz que Netherfield foi alugado por um jovem de amplas posses do norte da Inglaterra; que ele chegou para ver o lugar na segunda-feira, numa chaise puxada por quatro cavalos, e ficou tão encantado com o que viu, que de imediato entrou em acordo com o Sr. Morris. Ele deve mudar-se antes do dia de São Miguel, e alguns dos seus criados já devem chegar no fim da semana que vem. (AUSTEN, 2015, p. 237).

Assim, o Sr. Bingley chega ao vilarejo de Netherfield acompanhado de sua irmã Caroline e de seu amigo, o Sr. Darcy. Todos se conhecem e logo uma das irmãs de Elizabeth, Jane Bennet se apaixona por Bingley que se sente da mesma forma. Esse fato causa um desconforto muito grande em Caroline, que se opõe ao namoro dos dois. Segundo a irmã de Bingley a moça não possui o mesmo padrão social do irmão, sendo desprovida de bens e propriedades.

Elizabeth vê que o amor da irmã por Bingley é verdadeiro e percebe que ela está cada vez mais apaixonada por ele. Em uma conversa com Charlotte, como veremos logo em seguida, Elizabeth comenta que a irmã não conseguirá se casar,

pois sabe que Jane é ingênua e sonhadora. Neste sentido, Elizabeth sugere que ela talvez possa sofrer e perder seu grande amor por causa de imposições por parte da família de Bingley:

- Mas se uma mulher gosta de um homem, e não se preocupa em esconder isso, ele deve descobrir.
- Talvez ele descubra, se a vir com frequência. Mas, apesar de Bingley e Jane se encontrarem com razoável frequência, nunca passam muitas horas junto; [...] Jane deve, portanto, tirar o máximo proveito de cada meia hora em que consiga tomar conta de sua atenção. Quando estiver segura dele, terá todo o tempo do mundo para apaixonar-se. (AUSTEN, 2015, p. 248).

Para Elizabeth não importava o casamento propriamente dito, mas sim a felicidade da irmã. Já para Charlotte, isso não era de grande importância, pois ela não havia se casado ainda, então tinha uma visão diferente sobre o casamento, como podemos ver a seguir:

Bom disse Charlotte, eu desejo à Jane todo sucesso do mundo, de coração, e, se ela casasse com ele amanhã, acho que teria boas possibilidades de ser feliz, como se tivesse estudado o caráter dele por um ano. A felicidade no casamento é uma questão de pura sorte. Se os modos de ser um do outro forem bem conhecidos com antecedência ou até se forem muito semelhantes, isso pouco importa para a felicidade do casamento. As diferenças vão se acentuando com o tempo até se tornarem insuportáveis; e é melhor conhecer o mínimo possível dos defeitos da pessoa com que teremos de passar a vida. (AUSTEN, 2015, p.249).

O enredo apresenta assim um provável enlace que aconteceria mais tarde durante o desfecho da obra, mas, quando Bingley resolve pedir a mão de Jane em casamento algo inesperado acontece, ele deixa a cidade antes mesmo disso acontecer. Elizabeth e sua irmã ficam desapontadas e Elizabeth começa a ver que os responsáveis são os irmãos Darcy e Caroline que influenciaram para que Bingley não se casasse com Jane, o que deixa Elizabeth ainda mais revoltada contra o Sr. Darcy.

No decorrer da narrativa, em um desses bailes, Elizabeth conhece Wickham que aparentemente demonstra ser um cavalheiro. Segundo o texto, “sua aparência era toda a seu favor; era homem de grande beleza, de traços finos, bom porte e trato muito agradável. ” (AUSTEN, 2015, p. 280). Entretanto, Elizabeth logo iria descobrir o real caráter de Wickham.

Assim, motivado por um sentimento de inveja, Wickham resolve tecer comentários maliciosos a respeito do homem mais cobiçado do momento pelas

mulheres das redondezas, o Sr. Darcy. No decorrer da história, Elizabeth demonstra muito pouco interesse pelo assunto cujo mote principal era os novos homens recém-chegados, menos ainda pelo Sr. Darcy. Isso porque os comentários feitos por Wickham associados à maneira como Sr. Darcy tratou a heroína no princípio da obra, gerou o sentimento de que Darcy não era um homem confiável. Entretanto, ela descobriria mais tarde que ele nutria um apreço inigualável por sua pessoa.

Após a partida destes personagens chega a Netherfield um primo dos Bennet, Sr. Collins, que logo herdaria alguma fortuna, que por convenção seria a propriedade dos Bennet. Ele resolve escolher uma parceira para se casar e a escolhida em questão é Jane, mas sabendo de suas pretensões com Bingley, resolve pedir a mão de Elizabeth, que o rejeita, restando assim a amiga íntima de Elizabeth, que, pensando em seu futuro, acaba aceitando o casamento.

Alguns meses se passam e Elizabeth acompanha a amiga Charlotte e o primo até Kent que faz vizinhança com a casa da tia de Sr. Darcy e o encontra. Acaba por descobrir que ele realmente foi o causador da separação de Bingley e Jane. Depois o Sr. Darcy declara seu amor por Elizabeth, mas ela se recusa a aceitar seu afeto, perante a culpa dele pelo casamento da irmã não se realizar.

Tempos mais tarde a tia de Elizabeth envia uma carta explicando para ela tudo o que realmente ele fez e que Wickham é: um homem que fez mal à sua família tentando ludibriar sua irmã para ficar com o dinheiro. Elizabeth começa a ver que poderia estar enganada sobre a visão de Sr. Darcy. Após alguns meses eles voltam a se encontrar e finalmente o mal-entendido se acaba quando os dois ficam juntos:

O conteúdo da carta deixou Elizabeth muito agitada; era difícil saber se sentia mais prazer ou dor. Revelaram-se totalmente verdadeiras as vagas e indefinidas suspeitas provocadas pela incerteza a respeito do que o Sr. Darcy poderia ter feito para patrocinar o casamento da irmã dela, suspeitas estas que temia encorajar, por revelarem uma bondade grande demais para ser provável, e ao mesmo tempo temia que fossem fundadas, para não ficar em dívida com ele! (AUSTEN, 2015, p. 429).

Nesse sentido, entendemos pelo enredo de *Orgulho e Preconceito* que o casamento significava muitas coisas para a mulher pré-vitoriana: a fuga da solteirice, a inserção da mulher na tradição da família e na maternidade e, até mesmo, a vivência de um amor verdadeiro e também a escolha de não se casar que é muito questionada por Elizabeth.

### 3.1 CHARLOTTE: PRESSÃO DO CASAMENTO E SUBMISSÃO

Neste primeiro casamento retratado na obra, vemos a mulher submissa na personagem de Charlotte, que não vê nada de errado em uma mulher se casar simplesmente para obter instabilidade financeira como vemos no trecho a seguir em uma conversa com sua amiga Lizzy:

Mas, quando tiver tido tempo de refletir sobre o caso, espero que se alegre com o que fiz. Você sabe que eu não sou romântica; nunca fui. Quero apenas um lar decente; e, considerando o caráter, as relações e situação financeira do sr. Collins, estou certa de que as minhas possibilidades de ser feliz com ele são tão razoáveis quanto as da maioria das pessoas que chegam a condição matrimonial. (AUSTEN, 2015, p. 312)

Sendo assim observamos que este primeiro casamento, Austen reflete sobre o grande stress com o casamento de Charlotte, que aos vinte e sete anos se vê obrigada pela sociedade e pelos padrões tradicionais que cercam a mulher, a se casar para não ficar mal falada ou pelo próprio temor de que não seja reconhecida no meio social que vive.

Sabendo que sua amiga Elizabeth já havia recusado o casamento, mesmo assim ela o faz pelo simples fato de se livrar deste peso que era de não ter se casado ainda com esta idade. Charlotte sabe que a amiga será imponente em suas ideias e convicções no que tange ao casamento e teme a reação da amiga, depois de aceitar o pedido de casamento do Sr. Collins. Logo encontra com a amiga e lhe conta que havia aceitado o pedido de se casar com o Sr. Collins. Elizabeth em um primeiro momento se recusa a acreditar que a amiga tenha aceitado viver uma vida sem escolhas e sempre submissa por causa de estabilidade financeira, mas conversa com a amiga e entende:

Elizabeth logo teve notícias da amiga; e a correspondência entre elas foi tão regular e tão frequente como sempre fora; que fosse igualmente sincera seria impossível. Elizabeth nunca se dirigia a ela sem sentir que todo o prazer da intimidade chegara ao fim, e, embora decidida a não deixar espaçar-se a correspondência, fazia-o em nome do que tinha sido, e não do que era. As primeiras cartas de Charlotte foram recebidas com uma pequena dose de impaciência; era inevitável que sentisse curiosidade sobre o que ela diria do novo lar, o que achava de Lady Catherine e quão feliz ousaria proclamar-se; no entanto, quando as cartas foram lidas, Elizabeth percebeu que Charlotte se exprimia sobre cada ponto exatamente como era

de se prever. Escrevia com animação, parecia rodeada de conforto e nada mencionava que não pudesse agradar-lhe. A casa, a mobília, a vizinhança, tudo era do seu gosto, e Lady Catherine era muito simpática e atenciosa. (AUSTEN, 2015, p. 324).

Elizabeth em um primeiro momento se recusa a acreditar que a amiga tenha aceitado a viver uma vida sem escolhas e sempre submissa por causa de estabilidade financeira, mas conversa com Charlotte, como no trecho acima e vê que a amiga está feliz e apesar disso ser contraditório para sua pessoa ela acaba por aceitar.

### 3.2 LYDIA: A CORRIDA INCONSEQUENTE PARA O CASAMENTO

Partindo para outro casamento o qual nos remete a uma visão um pouco diferente, mas quase da mesma forma em termos de submissão vimos que Lydia era uma personagem na qual não pensava em outra coisa a não ser arranjar um bom casamento, ela transpôs o que muitas mulheres teriam um receio ou talvez recusa total para fazer em uma época, assim que ela foge com Wickham para se casar ela rompe com o recato e a cultura impostos pela sociedade e esse fato é um exemplo de uma conduta moralista que as mulheres deviam seguir seja desconstruída, sendo assim o casamento com o militar era a única maneira de reparar-se, sendo que para ela isso não era tão importante quanto um bem aparentado pretendente.

O casamento de Lydia e Wickham que simplesmente acontece porque o pretendente era conhecido e seria mais tarde agraciado com a honra de ser um soldado, causou euforia entre as irmãs mais novas de Elizabeth, as quais viviam à procura de um bom casamento, ainda mais se fossem soldados de boa aparência, como Wickham.

No romance, Lydia é a primeira das irmãs a se casar. A personagem se distingue das irmãs e não pensa muito no que poderá acontecer com sua vida e seu futuro, ao contrário de sua irmã Elizabeth.

Lydia se parece muito com a mãe, sempre considerando o pretendente que lhe traria uma posição social dentro daquela sociedade e também estabilidade financeira, o que predominava para maioria das mulheres de sua época incluindo assim Lydia e a sra. Bennet, que, por sua vez criou as filhas nestas circunstâncias.

Lydia é uma moça jovem e age inconsequentemente, dentro dos padrões da época. Ela ao menos escuta alguém que queira lhe aconselhar. Neste trecho, verificamos que Austen descreve Lydia, em um momento em que Elizabeth está fora da cidade e sua irmã faz o que ninguém espera.

Conversei com ela várias vezes da maneira mais séria, mostrando a ela todo o mal que fizera e toda a angústia que provocará na família. Se ela me escutou, foi só por acaso, pois tenho certeza de que não me deu ouvidos. Fiquei algumas vezes muito irritada, mas então me lembrava das minhas queridas Elizabeth e Jane, e por elas tinha paciência com Lydia. (AUSTEN, 2015, p. 429).

Lydia, temendo não se casar com Wickham, foge com ele, o que ocasiona um vexame na família, pois para aquela época, um ato destes traria a morte social da mulher, com a sua exclusão dos meios sociais.

[...] Era mais receptiva a desgraça que a ausência de um vestido novo representaria para o casamento da filha do que a qualquer sentimento de vergonha por ter ela fugido e vivido com Wickham duas semanas antes das cerimônias nupciais, (AUSTEN, 2015, p. 420).

Elizabeth fica transtornada com tamanha infantilidade de sua irmã, mas já esperava que isso pudesse acontecer, pois nas conversas que as duas tinham sobre casamento sempre havia a inclinação de Lydia por coisas fúteis e sem muito objetivo. O que falasse sobre o casamento com Wickham seria em vão, pois Lydia estava cega de amores pelo mesmo:

O amor de Wickham por Lydia era exatamente como o que Elizabeth esperava encontrar; menor do que o de Lydia por ele. Não precisava da observação direta para convencer-se, pela razão das coisas, de que a fuga fora provocada pela intensidade do amor dela, e não dele; e Elizabeth se teria admirado de que, sem estar apaixonado por ela, ele tivesse optado por fugir com sua irmã, se não tivesse a certeza de que a fuga se tornara necessária por força das circunstâncias; e, se fosse esse o caso, ele não era o tipo de rapaz que resistisse a oportunidade de levar uma companheira. (AUSTEN, 2015, p. 424).

Neste casamento vemos que tanto Lydia quanto Wickham eram duas pessoas inconsequentes, mas Lydia, por estar apaixonada, ficava ainda mais imprudente como fez no dia que fugiu de casa com seu companheiro.

### 3.3 ELIZABETH: O DILEMA ENTRE A AVERSÃO AO CASAMENTO E A POSSIBILIDADE DO AMOR

As obras que Austen escreve realmente nos levam a crer que um final feliz seria um bom casamento, mas junto com esta ideia satirizada que ela nos remete fica a contrariedade da personagem Elizabeth, como vimos ao analisar este romance, em que mesmo em uma época difícil para imposição da mulher, de algum modo a personagem se sobressai na frente das outras personagens e conseqüentemente sempre como uma mulher inteligente e voltada pra uma nova fase das quais as mulheres não estavam acostumadas a verem.

Por causa disso observamos e tentamos responder a uma questão: A personagem de Elizabeth procurava um amor verdadeiro ou somente queria escapar daquelas amarras que existiam?

Depois de muitas leituras sobre o assunto notamos que a personagem possuía os dois desejos, os quais se concretizaram no final da obra, o de ter encontrado alguém que amasse de verdade e também que fosse uma pessoa de caráter.

De outro modo, Elizabeth é a única, dentre as moças que estão para se casar em *Orgulho e Preconceito*, que resiste à formalidade do casamento. Esta personagem é, sem dúvida, o foco de crítica à estagnação e à dependência a que a mulher estava predestinada. Desde o início do enredo, Elizabeth mostra sua aversão ao casamento e, desde a chegada do Sr. Darcy, não vê motivos para se comportar como suas irmãs afoitas com tal desconhecido que chegara à cidade. Ela não tinha preocupações com o futuro marido sendo que o casamento para ela não lhe causava nenhum fascínio. As primeiras impressões entre o casal Elizabeth e Sr. Darcy não foram muito agradáveis por parte das duas personagens, pois tanto Elizabeth quanto Sr. Darcy têm pensamentos parecidos sendo eles “orgulho ou preconceito”.

Temos que orgulho é “soberba; elevado conceito que alguém tem de si próprio” e preconceito é “prejulgamento; juízo de valor preconcebido sobre; opinião ou pensamento acerca de algo ou de alguém cujo teor é construído a partir de análises sem fundamentos, sendo preconcebidas sem conhecimento e/ou reflexão”



(AURELIO,2002).Desta forma a trama se constrói a partir de conversar instigantes e com uma inteligência que ambos possuem, dando assim uma visão de que este par romântico nunca acabaria por ser um casal. A protagonista deste romance não se preocupa muito com as amarras da sociedade muito menos com os homens que possuíssem riqueza ou prestígio, por isso em suas conversas deixava claro que homem nenhum a desapontaria.

O senhor gostaria, eu sei que eu dissesse “Sim”, para ter o prazer de desprezar o meu gosto; mas eu sempre adorei desarmar este tipo de armadilha e confundir aqueles que premeditam o desprezo. Resolvi, portanto, dizer-lhe que não quero dançar absolutamente um reel...E agora ouse desprezar-me! (AUSTEN, 2015, p. 267).

Nesse sentido, observamos que o Sr. Darcy, por possuir muitos bens, faz pouco caso algumas vezes de Elizabeth, a qual revida da mesma forma com algumas ironias e algumas palavras de desprezo, dando a entender assim que o orgulho que tomava conta destes dois personagens nunca iria se acabar.

– Meu senhor, realmente não tenho a menor intenção de dançar. Rogo-lhe que não pense que passei por estes lados em busca de um par. Com grave elegância, o Sr. Darcy pediu que lhe fosse dada a honra mão, mas em vão. Elizabeth estava decidida; nem Sir. William a abalou em seu propósito com suas tentativas de convencê-la. (AUSTEN, 2015, p. 251).

Durante a trama a autora mostra em um tom de crítica que os personagens possuíam classes sociais diferentes, onde notasse que p preconceito existia sobre esta desigualdade social pois somente pessoas da mesma classe social seriam dignas de participar do mesmo convívio.

Neste período vemos Elizabeth passando por vários desafios, pois desde o começo ela se vê cercada por diversas contradições. Os casamentos que ela não consegue ver da mesma forma que suas irmãs e como outras mulheres do seu convívio, que o viam como algo imprescindível para suas vidas. Sendo assim ela se recusa a casar por interesse como as outras mulheres.

A personagem de Elizabeth demonstra que entre suas irmãs é a que mais se preocupa com a felicidade e não estabilidade financeira que lhe trará um casamento. Percebemos ainda que apesar de todas as contradições da época a personagem se mantém firme em seus pensamentos e não se deixa levar pelas pessoas ou pela imposição das regras que a sociedade impunha sobre a figura feminina. Tanto é que nossa protagonista se recusa a casar e impõe sobre seu pretendente a ocasião da

dúvida, achando que a sua recusa era algo que não aconteceria de verdade, assim como vemos neste trecho do livro:

Palavra de honra, meu senhor, – exclamou Elizabeth –, sua esperança é algo extraordinário depois do que eu disse. Eu lhe garanto que não sou uma dessas moçoilas (se é que elas existem), tão ousadas que arriscam sua felicidade na sorte de ser pedidas uma segunda vez em casamento. Estou sendo seriíssima em minha recusa. O senhor não poderia fazer-me feliz e estou convencida de que serei a última mulher no mundo que possa dar-lhe a felicidade. (AUSTEN,2015, p. 301).

Vimos anteriormente que a protagonista de *Orgulho e Preconceito* não quer fazer parte deste mundo submisso e do casamento por interesse, ao contrário de todas as outras mulheres de sua época, demonstra que para ela o casamento sem amor seria uma tragédia recusando casamento com Collins, assim como faz por mais duas vezes sem temer as opressões da época.

Segundo Beauvoir (1980a, p.179), “a história mostrou-nos que os homens sempre detiveram todos os poderes concretos; desde os primeiros tempos do patriarcado; julgaram útil manter a mulher em estado de dependência; [...]”. Mesmo sabendo que esta imposição era crucial, Elizabeth tem suas convicções e não pretende fazer parte dessas imposições exigidas pela sociedade patriarcal. Elizabeth e Sr. Darcy são protagonistas de suas próprias histórias, pois depois de muitas idas e vindas eles conseguem, apesar de tudo, nutrir o amor em uma época quando isso era incomum.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos o trabalho analisando o romance *Orgulho e Preconceito* (1813), da escritora inglesa Jane Austen (1775-1817), uma à sociedade burguesa da Inglaterra do final do século XVIII e início do século XIX. Sociedade essa que na época mostrava uma representação do papel feminino através do desenvolvimento da família patriarcal, da importância do casamento, das limitações sociais, econômicas e políticas e do papel da mulher submissa e resignada, sempre envolta nas amarras da sociedade.

Com isso, ressaltamos a importância de estudarmos as marcas da participação da mulher no passado quando era regida por várias regras impostas geralmente pelos homens dentro da sociedade, as mulheres eram criadas para o casamento e eram delineadas como mulheres delicadas, belas e submissas, viviam praticamente domesticadas para o cuidado da casa e dos filhos, ainda que duzentos anos terem se passado, os romances de Austen ainda são lidos e observados segundo os vieses da escrita feminina e da crítica feminista

Sabendo que no estudo do contexto histórico relativo ao período em que Austen viveu, foi de muitas mudanças e algumas revoluções importantes para o contexto, buscou-se ideias de historiadores e críticos da sociedade pré-vitoriana e vitoriana, que não deixam de ter uma interconexão com descrições do mundo em que Austen vivia e desenvolvia a sua literatura.

A partir disso, nosso trabalho objetivou analisar a representação da mulher no romance *Orgulho e Preconceito*, estabelecendo um paralelo entre a protagonista Elizabeth Bennet e a mulher da época de Austen, colocando alguns pontos em evidência como o casamento e a família a escolha do título do romance e como ele representava características das pessoas daquela sociedade. Austen autora do livro em análise é considerada uma das melhores (entre escritores e escritoras) da época.

Iniciamos descrevendo sobre a mulher na sociedade inglesa do século XVIII e XIX e o casamento, quando demonstramos um paralelo entre o contexto histórico do período pré-vitoriano e o enredo de *Orgulho e Preconceito*, que Austen procurava demonstrar que a mulher podia desenvolver um sentimento libertário em relação às amarras da sociedade. A autora defendia a educação racional das

mulheres, suas personagens sendo marcadas por características obstinadas, com mentes independentes e ousadas, utilizando em seus escritos a ironia para criticar a sociedade da época. Sendo o casamento o principal enfoque da obra, uma forma de definir para as mulheres da época um padrão nas quais elas estavam inseridas e sendo assim nos levando a crer que esta sociedade era indiscutivelmente predominada pelo homem sem nem mesmo a mulher optar por sua própria escolha e sim os homens, os quais em sua grande parte eram os que podiam e deviam ter o poder.

Após isso os três casamentos da obra foram abordados, onde Austen descreve o cotidiano social, com bailes e festas organizados com intuito de moças serem apresentadas a sociedade em buscar da consolidação um noivado com um homem de posses, tendo somente essa possibilidade as mulheres conhecer alguém do sexo oposto.

O primeiro casamento retrata o perfil de uma mulher que não se importava em seguir as inferências da família patriarcal, mas sim de certa forma vivenciar seus caprichos e poder usufruir de coisas banais pelas quais lhe proporcionariam uma aceitação perante das outras pessoas ou da sociedade. Isso deixa evidente que estes personagens buscavam somente seguir um padrão pré-estabelecido pela sociedade burguesa, o que para eles é o que importava.

O segundo casamento conta que mesmo a personagem indo contra seus desejos estaria fazendo assim a vontade de sua família e de certa forma da sociedade.

E o último, narra a história dos protagonistas, quando buscavam em meio àquela sociedade patriarcal, aristocrata e burguesa uma forma diferente de viver a vida não sendo exatamente como predominava para os outros dois casamentos mencionados anteriormente.

Por fim, percebemos nesse estudo que os estereótipos foram ao longo dos anos perpassando o tempo, e se instaurando nas vidas de todos nós. Podemos dizer então, que desde a segunda metade do século XIX até os dias de hoje, o recato está ligado à figura da mulher que seria supostamente uma boa escolha para um bom casamento, assim como todo e qualquer desvio dessa conduta está ligado ao estigma da mulher desonrada, sendo sempre preteridas.

Podemos fazer um paralelo com os dias atuais que de certa forma ainda permanecem impregnados em nossa sociedade, depois de vários séculos, sobre o

que se fala a respeito de casamento e a mulher, sendo assim ainda existem diversos casamentos por interesses e diversas mulheres sendo submissas e resignadas ao lar e a vida hierárquica que perpetua até os dias atuais, mas de certa forma em menores escalas, pois foram por autores como Austen que as mulheres começaram seu desenvolvimento e crescimento positivo dentro de uma sociedade, sem serem comandadas exclusivamente sobre o domínio dos homens. Para tanto isso segue em partes até os dias atuais e assim comprovando que nossas pesquisas são relevantes para esta obra.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AURELIO. (Ed.4). **Dicionário de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2002. Edição revista e ampliada do minidicionário Aurélio.

AUSTEN, Jane. **Razão e sensibilidade; Orgulho e preconceito; Persuasão**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martin Claret, 2015.

AUSTEN, Jane. **A abadia de Northanger**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martin Claret, 2012.

BUTLER, Judith. R. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980a.

BEUAVOIR, Simone de. **O Segundo sexo: a experiência vivida**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980b.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Forma e sentido do texto literário**. São Paulo: Ática, 2007.

FERREIRA, Carla Alexandra. **“As primeiras impressões são as que ficam? Jane Austen retorna ao cinema”**. In: Figurações dos oitocentos/Paulo Motta Oliveira, 2008, São Paulo, S.P, 2008.

FIGUEIREDO, Manoela. **A atuação crítica da tradução em the lizzie bennet diaries: deslocamentos de orgulho e preconceito para a contemporaneidade virtual**. 2015. 93f. Dissertação (Programa de pós-graduação) - Universidade Federal da Bahia Instituto de Letras Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Salvador, 2015.

GILBERT, Sandra; GUBAR, Susan. **The madwoman in the attic: the woman writer and the nineteenth-century literary imagination**. New Haven: Yale UP, 1979, 700p.

KOLLMANN, Elizabeth. **Jane Austen Revisited A Feminist Evaluation of the Longevity and Relevance of the Austen Oeuvre**. África do Sul, 2003. Disponível

em: <<http://dspace.nmmu.ac.za:8080/jspui/bitstream/10948/299/1/KollmannE.pdf>. Acesso em 17 de fevereiro de 2018.

MARQUES, T.M. **Literatura Fundamental: Orgulho e Preconceito**. 2015. (28m43s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?=:a4mG2FAwMpA&t=1530s>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2018.

NASCIMENTO, Sandra Mônica do. **Uma leitura política dos casamentos no romance orgulho e preconceito (1813) de Jane Austen**, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <[http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao19/artigosic/artigo\\_ic\\_002](http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao19/artigosic/artigo_ic_002)>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2018.

PARIS, Bernard. **Character and conflict in Jane Austen's novels: a psychological approach**. Michigan: Michigan State University Press, 1978.

ROCHA, Rejane Cristina. **Da utopia ao ceticismo: a sátira na literatura brasileira Contemporânea**.2006.234f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara,2006. Disponível em :< [http://www.fclar.unesp.br/agenda-pos/estudos\\_literarios/877.pdf](http://www.fclar.unesp.br/agenda-pos/estudos_literarios/877.pdf)>. Acesso em: 25 novembro de 2017.

RUFFINI, Mirian. **A tradução da obra de Oscar Wilde para o português brasileiro: paratexto e O Retrato de Dorian Gray**.2015.238f.Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2015.

SILVA, Alexander Meireles. **Literatura inglesa para Brasileiros: curso completo de literatura e cultura inglesa**. 2. Ed. Rev. Rio de Janeiro: Ciência moderna, 2006.

SULLIVAN, Margaret C. **The Jane Austen Hand book: A Sensible Yet Elegant Guide to Her World**. Philadelphia: Quirk Books, 2007.

SULLOWAY, Alison G. **Jane Austen and the Province of Womanhood**. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1989.